O PADRE POETA PRUDÊNCIO DO AMARAL REDESCOBERTO

ENIO ALOISIO FONDA

No conjunto das manifestações humanísticas dos Jesuítas no Brasil, desde Anchieta (1534-1597) até a perseguição pombalina (1759), a poesia latina ocupa lugar de excepcional significação, mormente para um estudo da latinidade que se prende à formação humanística incipiente em terras brasileiras, e que se desenvolveu nos moldes tradicionais clássicos ao longe de dois séculos. De fato, desde Anchieta, o primeiro poeta latino no Brasil, até outro Anchieta, português de nascimento, tradutor das *Metamorfoses* de Ovídio, deportado do Maranhão para Lisboa e daí a Itália, em 1760 (1), medeiam duzentos anos de intensa atividade poética em metro latino, que marca o compasso cronológico da continuidade de tradições que se prendem à *Ratio Studiorum* (2), precedida das Constituições.

---

(1) Cf. Serafim Leite, S. J. — **História da Companhia de Jesus no Brasil.** Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1949, tomo VIII, p. 43.

(2) As primeiras normas de estudos na Companhia de Jesus foram as **Constituições**, cuja quarta parte lhes está tôda consagrada. Depois de Inácio de Loyola e da prova prática dos Colégios, organizou-se a célebre **Ratio Studiorum**, verdadeiro código pedagógico dos Jesuítas. O primeiro esbôço da **Ratio** data de 1586, sendo consultados homens sábios e experimentados no ensino. Imprimiu-se, como manuscrito, em 1591, e promulgou-se, depois da impressão difinitiva, como lei geral da Companhia de Jesus, no dia 8 de janeiro de 1599. **Apud** Serafim Leite — **Op. cit.**, tomo I, p. 71.

Para um estudo da instrução e educação humanística ministrada pelos Jesuítas, consultem-se: Serafim Leite — **Op. cit.**, tomo X, p. 13; Desembargador Júlio Cezar de Faria — **Da Fundação das Universidades ao Ensino na Colônia.** Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1952; Laerte Ramos de Carvalho — **As Reformas Pombalinas da Instrução Pública.** Universidade de São Paulo. F.F.C.L., Boletim 160, História da Educação n.º 1, 1952; Fernando de Azevedo — **A Cultura Brasileira.** 4.ª edição. Brasília, Editôra Universidade Brasília, 1963, p. 501 et seq.

Do jardim jesuítico das Musas latinas no Brasil conhecem-se especialmente os frutos de Anchieta (3), de Prudêncio do Amaral (4) e de José Rodrigues de Melo (5).

Se é verdade que *"não é vocação dos Jesuítas serem grandes poetas"*, no dizer de Serafim Leite (6), foram-no contudo alguns, mesmo por exceção, em latim até, língua em que foram mais abundantes, e, curiosamente, num Brasil tão afastado do Velho Mundo, talvez por fôrça das circunstâncias que os obrigava ao lazer do espírito de cultura humanística de que eram embebidos graças à formação em que foram forjados pelos ditames da *Ratio Studiorum* que os queria exímios latinistas. Depois, a operosidade no campo missionário não é tudo para um ser de corpo e alma; e, se tinham ideais na catequese e no magistério, coroados de satisfações interiores, outra necessidade se lhes impunha: a atividade intelectual no plano humano, refletida no objetivo principal das suas composições latinas, como a dar evasão, através delas, àquele inato pendor de tôda pessoa culta, que impele a criar, criar sempre, pouco importando em que gênero.

A poesia latina no Brasil produzida do séc. XVI ao séc. XVIII merece um estudo histórico que alinhasse tôdas as produções métricas compostas em nossas terras. De fato, de uns anos para cá, intentamos recolher todos os dados possíveis que propiciassem a organização dum trabalho desta natureza: um compêndio bibliográfico dos autores brasileiros ou ligados ao Brasil, distinguidos por terem composto versos latinos.

Ao longo dos três últimos anos (1967-1969) conseguimos um levantamento numèricamente não desprezível de 120 poetas latinos. Dêstes, antecipamos a publicação da biobliografia de Prudêncio do Amaral, anunciando, pela primeira vez, ao mundo das Letras, a redescoberta do códice manuscrito que encerra precisamente os versos que mais categorizam o padre poeta e cujo texto andou desafiando a critica literária por quase dois séculos.

I — No que tange à biografia do padre poeta, não nos peja reproduzir na íntegra os dados publicados por Serafim Leite (7), e que são o resultado de pesquisas mais atualizadas sôbre a vida do loyolano brasileiro, visto se corrigirem aqui deversos dados, que se repetiam menos exatos da vida de Prudêncio do Amaral. Não omitiremos, contudo, apontar algumas divergências dos biógrafos, colhidas aqui e acolá na busca de informações anteriores.

---

(3) Cf. Serafim Leite — **Op. cit.**, tomo VIII, p. 43 et seq. A Província Central da Companhia de Jesus no Brasil está para publicar tôda a obra de Anchieta.

(4) Cf. Serafim Leite — **Op. cit.**, tomo VII, pp. 13-14. «Geórgicas Brasileiras», em **Verbum** (Revista da Universidade Católica), Rio de Janeiro, março de 1946, tomo III, fasc. 1, pp. 35-38.

(5) Cf. Serafim Leite — **Op. cit.**, tomo IX, pp. 100-112 e o artigo «Geórgicas Brasileiras», citado na nota n.º 4.

(6) Serafim Leite — **Suma Histórica da Companhia de Jesus no Brasil.** Lisboa, Junta de Investigações de Ultramar, 1965, p. 226.

(7) É a biografia que se encontra às páginas 35-38 do artigo «Geórgicas Brasileiras», mencionado na nota n.º 4.

Prudêncio do Amaral nasceu no Rio de Janeiro em 1675, tendo sido seus pais Gonçalo Gomes e Maria do Amaral (8). Entrou na Companhia de Jesus aos 30 de julho de 1690 (9). Três anos depois, com apenas 18 anos de idade, foi designado como mestre de segunda Classe de Latim no Colégio da Bahia(10), retomando os estudos logo a seguir. Em 1698 cursava já o terceiro ano de Filosofia, passando logo mais à Teologia que concluiu em 1701, quando, com 26 anos de idade, foi ordenado sacerdote (11). Professou na Bahia em 15 de agôsto de 1709 na presença do Pe. João Antônio Andreoni (12) que andava então a escrever o seu livro *Cultura e Opulência do Brasil,* cuja parte referente ao açúcar assumiu Amaral para cantar em versos latinos, como mestre insigne de Humanidades que foi no Colégio da Bahia e no Seminário de Belém da Cachoeira. Em 1707 davam-se dêle estas informações:

> *P. Prudêncio do Amaral, do Rio de Janeiro, bom engenho, discernimento e prudência; bom aproveitamento nas Letras Humanas, que ensinou com louvor, e na Filosofia e Teologia; talento para o ensino e pregação; parece que terá também para o govêrno; saúde medíocre; temperamento melancólico* (13).

Amigo dos livros, tornou-se grande letrado nas ciências sacras e humanas. A saúde, porém, não correspondeu ao trabalho e degenerou em grave doença do peito. A êste tempo já tinha voltado à sua cidade natal e procurava mitigar ou iludir os seus sofrimentos com o exercício da poesia de que era admirável cultor. Vai-nos dando estas notícias a *Ânua* escrita por outro mestre das belas letras, Plácido Nunes (14), que tece de Prudêncio do Amaral os mais altos elogios, como religioso e escritor. Sendo a própria fonte, deixam de ter valor quaisquer notícias em contrário, originadas sem fundamento ou por equívoco, como a de foi membro da *Academia Portuguêsa da História,* só fundada cinco anos após a sua morte.

Referindo-se a outras mortes do ano, escreve Plácido Nunes:

> *A êstes, se deve juntar o P. Prudêncio do Amaral, grande promessa e esperança desta Província. Padecia há muito de uma pertinaz doença do peito, com golfadas de sangue mais repetidas do que parecia crível, e durante ela, tão longamente arrastada,*

---

(8) Diogo Barbosa Machado — **Biblioteca Lusitana,** tomo III, p. 617; Serafim Leite — «Prudêncio do Amaral, Poeta Carioca» em **Jornal do Comércio** (Rio), 27 de janeiro de 1946.

(9) Archivium Societatis Iesu Romanum (A.S.I.R.), **Brasília,** 6, 39.

(10) A.S.I.R., **Brasília,** 5 (2), 109 v.

(11) A.S.I.R., **Brasília,** 6, 6 v.

(12) A.S.I.R., **Lusitania,** 13, 135.

(13) A.S.I.R., **Brasília,** 6, 51 v.

(14) **Litterae Annuae Provinciae Brasiliae,** Bahyae, VIII Kal. Julii Anni MDCCVI, de Plácido Nunes.

dava mostras de singular paciência. Nas aflições parece que tinha entregue a própria vida à vontade de Deus; e de tal modo a colocou na divina, que quanto lhe acontecia de desagradável e molesto, dir-se-ia que êle o tinha desejado, e Deus aceito. As dores e colóquios da sua doença pungiam e edificavam a quantos o visitavam. Foi homem de notável modéstia e pureza desde a adolescência, e amigo da pobreza. Tinha especial afeto e devoção à Virgem Maria e procurou incuti-lo nos outros. Grande cultor da Poesia, consagrou-lhe a ela o seu talento, facilidade e agudeza de estilo. Empenhava-se em escrever a obra 'Arte de amar a Mãe de Deus', dividida em sete estímulos (Artem amandi Deiparam in septem stimulos tributam), matizada de imagens apropriadas, há muito meditadas, e de bem trabalhada e admirável contextura, em versos elegíacos, coloridos e elegantes. Já se ia editando o Poema, com mais de 6.000 versos, quando a doença se agravou. Apesar de coagido com freqüência a levantar a mão da mesa em que escrevia, para a apertar entre si nas dores, nem por isso abandonou o primoroso trabalho (15). *A estas qualidades unia naturais virtudes de suavidade no trabalho e índole amável. Todos o buscavam, esperavam e estimavam.*

Concluiu *magna cum laude* a carreira de estudos e mostrou talento para tôdas as ciências. Possuía vasta erudição, sagrada e profana, provinda de assídua leitura, e com a sua inteligência viva conciliava o aplauso dos homens.

Faleceu no Colégio do Rio de Janeiro aos 27 de março de 1715, com 40 anos de idade, professo de 4 votos (16).

Equivoca-se Regina Pirajá da Silva quando reporta a notícia sôbre a morte de Prudêncio do Amaral, escrevendo:

> *Quando exercia a catequese nas missões do sertão da Bahia foi assassinado pelo índios, a 25 ou 27 de março de 1715* (17).

A mesma Autora contesta ainda a notícia de Carlos Sommervogel, relativa ao lugar do seu falecimento, considerando-o como o único a discordar como acontecido no sertão, quando afirma em sua *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus* (18) que "faleceu a 27 de março de 1715 no Rio de Janeiro".

---

(15) Cf. § II, b), p.

(16) A.S.I.R., **Brasília**, 10, 113 v.; Serafim Leite — **História** (cit.), tomo I, p. 534; A.S.I.R., **Historia Societatis**, 51, 259; Carlos Sommervogel — **Bibliothèque de la Compagnie de Jésus**, I, 263; **Litterae Annuae** citadas na nota n.º 14.

(17) Extraímos a referida passagem das «Biografias» constantes na edição das obras de José Rodrigues de Melo e Prudêncio do Amaral publicadas pela Academia Brasileira de Letras (1941), e cujos dados bibliográficos estão em § III, 6.

(18) Esta obra se encontra no Colégio São Luís (Biblioteca), em São Paulo.

Alguns biógrafos notam o inexplicável anocronismo de Frei Fortunato de S. Boaventura no seu *Defensor dos Jesuítas,* quando diz ter sido Prudêncio do Amaral expulso da Ordem em 1759. Houve certamente confusão com José Rodrigues de Melo, também poeta latino, que nessa época sofreu as conseqüências da perseguição de Pombal. Tanto Sacramento Blake como Inocêncio Francisco da Silva, quando se reportam a êsse engano de Frei Fortunato, são discordes em datas, pois um atribui-lhe a citação em 1791 e outro em 1759.

Segundo Barbosa Machado, Inocêncio Francisco da Silva, Júlio Barbuda, Rodolfo Garcia e, ùltimamente, Serafim Leite, era natural do Rio de Janeiro, dêles, entretanto, discordando Belo Morais (pai) e Ladislau dos Santos Titara, que afirmam ser filho da vila de Cachoeira na Bahia. Neste particular preferimos seguir a opinião de Serafim Leite, abalizado historiador do nosso biografado.

De grande valia será a leitura do artigo sôbre Prudêncio do Amaral, de Serafim Leite, publicado no *Jornal do Comércio* (19).

II — A obra poética de Prudêncio do Amaral, escrita em latim, pode-se resumir em definitivo nas alinhas que seguem e que representam seu indiscutível talento no manejo do verso heróico e distico elegíaco.

a) *Descriptio epica molis sacchariae* ou *De sacchari opificio* (cf. § III, IV e V).

b) *De arte amandi Deiparam.* Poema elegíaco em 7 estímulos ou cantos, já com mais de 6.000 versos, quando o Autor faleceu sem o ter concluído. O mesmo que *De arte amandi Mariam* ou *Stimulus amandi Deiparam,* menções com que também aparece êste poema, cujo paradeiro atual se ignora. Parece que ainda existia em 1780, quando se publicou o *De sacchari opificio carmen,* e talvez se conserve manuscrito em algum Arquivo na Itália.

Os *Sete Estímulos* são divisões, partes ou cantos, alusão, sem dúvida, às *Sete Dores* ou *Alegrias* de Nossa Senhora, e não constituem poema diverso.

Regina Pirajá da Silva (p. XX) parece ter-se equivocado, quando, pela diversidade de títulos, pretendeu enxergar três obras distintas. A êsse respeito escreve ela:

> "À Virgem Santíssima, por quem tinha fervoroso afeto e especial devoção, dedicava (Prudêncio do Amaral) todos os seus trabalhos de sua pena.
>
> "Outra obra no nosso biografado, e que Bento Farinha menciona no *Sumário da Biblioteca Lusitana,* é o *Stimulus amandi Dei parum* (sic!).

---

(19) Cf. nota n.º 8, onde se dá a citação bibliográfica completa.

"Sommervogel refere-se ainda a um trabalho elegiaco incompleto — *De arte amandi Deiparam*, na nova edição da *Biblioteca da Companhia de Jesus*, 1890, T. I, p. 263.

"Recentemente o Padre Serafim Leite, na sua monumental *História da Companhia de Jesus no Brasil*, cita mais um livro de elegias, igualmente incompleto — *De arte amandi Mariam*".

Cremos ter elucidado assim a problemática que se gerou em tôrno de um mesmo poema que anda sob três diferentes títulos consagrados pela tradição.

c) *Epitáfios latinos* em disticos elegiacos. Encontram-se no *Catalogo dos Bispos Que teve o Brasil até o anno de 1676. Em que a Cathedral da cidade da Bahia foy elevada a Metropolitana, e dos Arcebispos que nella tem havido, com as noticias que de huns, & outros pode descobrir o illustrissimo, e reverendissimo senhor, D. Sebastiam Monteyro da Vide V. Arcebispo da Bahia, e do Conselho de Sua Magestade, &c.* (30 x 20; p. de título sem imprenta, 32 pp.).

O referido *Catalogo* constitui a segunda parte das *Constituiçoens primeyras do Arcebispado da Bahia, Feytas e ordenadas pelo illustrissimo, e reverendissimo senhor D. Sebastião Monteyro da Vide, arcebispo do dito Arcebispado, e do Conselho de Sua Magestade, propostas e aceytas em o synodo diocesano, que o dito senhor celebrou em 12 de Junho do ano de 1707. Lisboa, por Paschoal da Silva, 1719.*

O *Catalogo* é de autoria de Prudêncio do Amaral que redigiu 15 biografias. Para cada uma (salvo para a de D. Sebastião Monteiro da Vide, ainda em vida) êle compôs um epitáfio em dois versos latinos cada um.

As *Constituições* e o *Catalogo* são seguidos do *Regimento do Auditorio eclesiastico do Arcebispo da Bahia, Metropoli do Brasil, & da sua relaçam, e officiaes da Justiça Ecclesiastica, & mais cousas que tocão ao bom governo do dito Arcebispado, ordenado pello illustrissimo senhor D. Sebastião Monteyro da Vide, Arcebispo da Bahia, & do Conselho de S. Magestade. Coimbra Na Officina Real do Collegio das Artes da Companhia de Jesus. Com todas as licenças necessarias.* M.DCC.XX (1720). (30 x 20; 187 pp.).

Das aludidas obras houve as seguintes edições:

1.ª de Lisboa, por Paschoal da Silva, 1719;
2.ª de Coimbra, no Real Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1720;
3.ª de Lisboa, 1765.

O cônego Idelfonso Xavier Ferreira publicou em São Paulo, em 1853-54, uma nova edição das *Constituiçoens* e do *Regimento*, mas não reimprimiu o *Catalogo*.

Na reedição das *Memorias Historicas e politicas da provincia da Bahia* (V, 286-301), de Inácio Accioli de Cerqueira e Silva, feita por Brás do Amaral (Bahia, 1937), reproduziu-se o *Catalogo*, porém com alguns erros de transcrição dos epitáfios latinos.

No *Ano Bibliográfico*, Joaquim Manuel Macedo indica como tendo sido publicadas as duas primeiras edições, em Lisboa, nos anos de 1710 e 1711.

Eis tudo que, de referência ao insigne loyolista patrício, pudemos colhêr depois de pacientes e perseverantes pesquisas nos Autores de mais renome na biobibliografia luso-brasileira.

III — O nome de Prudêncio do Amaral prende-se sobretudo a um poema didático latino, de sua autoria, que a tradição nos legou sob quatro diversos títulos:

De sacchari opificio carmen; De saccharis opificio; De opificio saccharis, e, finalmente, *Descriptio epica molis sacchariae* (ou *saccharis*).

O *Canto do Engenho do Açúcar* ou simplesmente o *Canto do Açúcar* foi escrito por volta de 1712 (20), no apogeu do Engenho e da Indústria canavieira no Brasil. Trata, em descrição circunstanciada, da cultura da cana, construção de um engenho e do fabrico do pó sacarino.

Prudêncio do Amaral nunca chegou a publicar o seu poema, que só veio a lume 65 anos depois de sua morte, em Pesaro, na Itália, graças aos ofícios do Pe. Jerônimo Moniz, jesuíta, baiano, de S. Francisco, que possuía o manuscrito (21).

A publicação do *Canto do Açúcar*, em Pesaro, deve-se ao fato de naquella cidade italiana terem achado abrigo os Padres da Companhia expulsos do Brasil, entre os quais se encontrava Jerônimo Moniz.

De 1780 a 1941 seguiram-se as seguintes edições dêste *Canto*:

1. *Prudentii Amaralii Brasiliensis, de Sacchari Opificio Carmen. Pisauri, M.CC.LXXX* (sic) (1780), *Ex Tip. Amantina*. 4.º peq., 27 pp. e 1 grav. (22).

2. *Josephi Rodrigues de Mello Lusitani Portuensis de Rusticis Brasiliae Rebus Carminum Libri IV. — Accedit Prudentii Amarali Brasiliensis De Sacchari Opificio Carmen. Romae MDCCCLXXXI* (1781). *Ex Typographia Fratrum Puccinelliorum. Prope Templum S. Mariae in Vallicella. Publica auctoritate.* (20 x 14; VII, 206 pp., 4 gravuras) (23).

---

(20) Serafim Leite — «Geórgicas Brasileiras», em **Verbum** (cit.), p. 31.

(21) Talvez o próprio códice 3.786 por nós redescoberto.

(22) Os Bibliógrafos não dão noticia de nenhum exemplar atualmente existente desta edição.

(23) Há um exemplar desta edição na Biblioteca Municipal de S. Paulo (Secção de Obras Raras), outro no Instituto de Estudos Brasileiros (Univ. de S. Paulo), e outro na Biblioteca da Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A obra é dedicada a Luís Eusébio de Meneses (p. II a VII). Começa com com um *Carmen Genethliacum* ao mesmo personagem (p. 1 a 17) e a tradução portuguêsa pelo Autor: *Parafraze dos versos latinos* (p. 19 a 55). Êsse poema já fôra publicado em Roma no ano anterior. Segue-se o poema *De cultura radicis in Brasilia* (p. 57 a 113) em dois livros, o poema *De cura boum in Brasilia* (p. 115 a 149) num livro só, e enfim, o poema *De cultura herbae nicotianae in Brasilia* (p. 151 a 169) também num só livro.

Vem em seguida o poema de Prudêncio do Amaral sôbre o açúcar — *Prudentii Amaralii Brasiliensis De Sacchari Opificio Carmen* (p. 171 a 206).

Esta é a primeira edição dos poemas do jesuíta portuense José Rodrigues de Melo e a segunda do poema de Prudêncio do Amaral.

3. *Josephi Roderici Melii De rebus rusticis brasilicis carminum Libri quatuor. Quibus accedit Prudentii Amaralii De Sacchari Opificio singulare carmen. Jussu, et auspiciis Regiae suae celsitudinis Brasiliae Principis, domini nostri denuo typis mandati, curante Fr. Josepho Mariano Conceptione Velloso, Strictioris observantiae S. Francisci Fluvii Januarii. Olyssipone, Ex Tipographia Patriarchali Joannis Procopii Correae Silvii. M.DCC. XVVII* (1798). (22 x 15; 3 fls. inum., 113 pp., 4 grav., uma delas em frontispício).

Esta edição feita por Fr. José Mariano da Conceição Veloso contém o mesmo texto que a primeira embora muito melhor impressa, com uma vinheta na página de rosto e uma gravura em frontispício e as mesmas gravuras explicativas no fim. Essas gravuras representam um engenho de açúcar, as ferramentas para se cultivar mandioca e a fabricação da farinha.

Inocêncio Francisco da Silva, em seu *Diccionario Bibliographico Portuguez* (V, 116), dá como feita em Roma, uma edição dêste mesmo ano, do *De Rusticis Brasiliae Rebus*. Como não faz alusão à de Lisboa, é de supor que se trate da mesma (3.ª edição).

Veloso, autor de um número considerável de escritos, polígrafo, interessou-se também pelos engenhos de açúcar do Brasil, compondo o *Extrato sobre Os Engenhos de Assucar do Brasil, e sobre o methodo já então praticado na factura deste sal essencial, tirado da obra Riqueza e Opulencia do Brasil, para se combinar com novos methodos, que agora se propoem debaixo dos auspicios de S. Alteza Real o Principe Regente nosso senhor, por José Mariano Velloso. Lisboa, Na Typographia Chalcographica e Litteraria do Arco do Cego. Anno M.DCCC* (1800). (20 x 14; 4 fls. inum. com *Appendice*, 4 grav.).

Neste *Extrato* Veloso refere-se à obra poética de Prudêncio do Amaral nos seguintes têrmos:

> (...) *se imprimiu em Pisauro e Roma e ultimamente em Lisboa o elegante Carmen de Opificio Sacchari, composto pelo Padre Prudencio do Amaral, filho da Bahia. A lingua, e o verso o aparta do canto vulgar*".

Note-se que Veloso engana-se pensando que o padre poeta nascera na Bahia.

4. Serafim Leite (24), Regina Pirajá da Silva (25) e Rubens Borba de Moraes (26) citam uma edição do *Canto do Açúcar* na *Flora Brasiliensis seu enumeratio plantarum in Brasilia* (1829, II, 577-592), de von Martius.

Segundo Serafim Leite (27) após von Martius, à p. 537 da *Flora Brasiliensis*, esta observação:

> *Curavimus juxta editionem quam I.M. a Conceptione Velloso una cum Jos. Rod. Melli de Rebus Rusticis Brasilicis Libr. IV publici juris fecit. Olisip., 1798*, 4.º.

Não ubicamos ainda o texto do poema transcrito na *Flora Brasiliensis*, porque os dados fornecidos pelos três autores aludidos não correspondem à disposição numérica adotada na ligação dos fascículos que constituem os numerosos e volumosos tomos da obra de von Martius. Há ainda na referência do Pe. Serafim Leite um patente engano: a *Flora Brasiliensis* teve seu primeiro fascículo publicado em 1840, em Lípsia, enquanto o douto jesuíta dá a *Flora Brasiliensis publicada* em Stuttgart 11 anos antes (1829).

O grande naturalista e sábio alemão, descrevendo as inúmeras utilidades e diversos empregos dos produtos da cana-de-açúcar, justifica a inserção do poema no seu livro com estas palavras:

> "*A poesia do Prudêncio do Amaral, obra eminente e fecunda imitação do estilo de Virgílio, quase desconhecida entre nós — esperando proporcionar prazer aos que julgam, que o estudo da natureza se deve enfeitar e ilustrar pelos doces encantos da poesia*" (27).

5. Na Bahia, João Gualberto Ferreira dos Santos Reis traduziu o *Canto do Açúcar* e o publicou (texto e tradução) na *Geórgica Brasileira*, que per-

---

(24) Serafim Leite — **História** (cit.), tomo VIII, p. 14; tomo IX, p. 101.

(25) Cf. «Biografias» (Prudêncio do Amaral) que precedem as **Geórgicas Brasileiras**.

(26) Rubens Borba de Moraes — **Bibliografia Brasileira do Período Colonial** (Publicação do Instituto de Estudos Brasileiros), São Paulo, 1969, p. 25.

(27) Serafim Leite — **História** (cit.), tomo IX, p. 101 e «Geórgicas Brasileiras», em **Verbum** (cit.). Regina Pirajá da Silva — «Biografias» à edição da Academia Brasileira dos poemas de José Rodrigues de Melo e Prudêncio do Amaral.

faz o terceiro tomo das suas *Poesias, Bahia, Tipographia Imperial e Nacional, 1830.* (28)

6. Em 1941, a Academia Brasileira de Letras publicou, com o título de *Geórgicas Brasileiras,* uma edição feita por Regina Pirajá da Silva, das obras de José Rodrigues de Melo e Prudêncio do Amaral. Essa edição contém o texto latino e a tradução portuguêsa feita por João Gualberto Ferreira dos Santos Reis, em 1817.

Eis, na íntegra, os dados biblográficos da edição da Academia Brasileira de Letras:

> *Prudêncio do Amaral e José Bonifácio de Melo. Geórgicas Brasileiras. Canto sôbre Coisas Rústicas do Brasil. 1781. Versão em linguagem de João Gualberto Ferreira dos Santos Reis. Biografias e Notas de Regina Pirajá da Silva. Publicação da Academia Brasileira. Rio de Janeiro. 1941. Com Nota Preliminar de Afrânio Peixoto. Texto latino* (pp. 99-122).

Tradução do poema de Prudêncio do Amaral, com o nome *Lavoura do Açúcar* (pp. 172-199).

IV — Tôdas as seis edições acima elencadas nos transmitem, porém, um texto do poema que não é o original, visto que Jerônimo Moniz, possuidor do manuscrito autêntico, editou o *Canto do Açúcar* não já como saíra das mãos de Prudêncio do Amaral, mas, curiosamente, com interpolações e polimentos feitos por sua conta, talvez por achar o poema ainda imperfeito para sair a lume em sua forma primitiva.

Entre os acréscimos de Jerônimo Moniz deve-se incluir, no fim do *Canto,* a referência às "minas de diamantes".

Sem antecipar as provas obtidas pelo redescobrimento do manuscrito original de Prudêncio do Amaral acêrca da real existência de interpolações e polimentos existentes no poema, da mão de Jerônimo Moniz, temos uma informação certa a respeito, constante na *Relação dos Escritores da Província Brasileira,* onde se lê:

> *"P. Hieronimus Monis, Diocesis Bahiensis, vivit in convictu Pisauriensi (...). Insuper expolivit, auxit et notis illustravit Carmen Epicum De Sacchari Opificio a P. Prudentio Amaral olim compositum"* (29).

---

(28) Regina Pirajá da Silva (p. LXIV) informa existir um exemplar do 3.º volume das Poesias de João Gualberto Ferreira dos Santos Reis, no Real Gabinete Português de Leitura, e outros dois exemplares na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, «sendo que estão ambos tão rendilhados pala traça que o nosso maior trabalho foi salvá-los, completando com um, o qua faltava no outro e viceversa».

(29) Serafim Leite — **História** (cit.), tomo I, p. 537 (42).

Não passando as edições subseqüentes de meras reproduções da primeira (1780), feita por Jerônimo Moniz no exílio de Pesaro, e à qual deu retoques e acréscimos, é fácil compreender-se como nenhuma delas retrate o texto original e primitivo do seu verdadeiro autor.

Em que consistiriam as interpolações e os polimentos feitos por Jerônimo Moniz? Eis a problemática! De fato, fonte alguma aludia a cotejos que evidenciassem de maneira clara até onde o *Canto do Açúcar* conservou a forma que lhe dera Prudêncio do Amaral, e em que ficou modificado pela mão de Jerônimo Moniz. Se, de um lado, a tradição se referia à existência do manuscrito original de que se servira o primeiro editor do poema, que o publicou com profundas alterações, não se tinha, por outro lado, dados sôbre o exato lugar em que o precioso manuscrito se encontraria atualmente. Restava, portanto, descobrir o aludido manuscrito, sem o qual, reais ou possíveis méritos ou deméritos literários de Prudêncio do Amaral e Jerônimo Moniz não passariam de conjecturas.

Um feliz achado veio, finalmente, e em definitivo, esclarecer os pontos duvidosos.

V — J. Lúcio de Azevedo, em *Épocas de Portugal Econômico,* alude à existência de um manuscrito pertencente à Biblioteca Nacional de Lisboa (códice 3.786) cujo título *Descriptio epica molis saccharis* lhe sugere identidade com a obra de que dá notícia Diogo Barbosa Machado em *Biblioteca Lusitana* (II, 617), com o título *De opificio sacharis,* da autoria de Prudêncio do Amaral (30).

Essa identidade, no entanto, já foi por nós constatada à vista do códice cuja localização devemos à referência que colhemos na obra de J. Lúcio de Azevedo. Um cotejo do códice com o texto da edição romana (1781) e o da Academia Brasileira de Letras (1941) possibilitou a cabal constatação de quanto a tradição nos legou acêrca da autenticidade do poema, porque, enquanto a edição de Jerônimo Moniz traz versos, o códice apresenta exatamente 101 versos a menos, isto é 481 versos. Disso se conclui a veracidade do *"auxit"* que o cronista fêz constatar quando, referindo-se ao padre Jerônimo Moniz, atribui-lhe a edição remanejada do *Canto do Açúcar* de Prudêncio do Amaral, cujo texto original possuia.

O *"expolivit"* documenta-se fàcilmente pelo confronto dos versos do Manuscrito (cód. 3.786) com os do poema como o publicou Jerônimo Moniz, onde a coincidência textual, na íntegra, é mínima, e onde outras coincidências não passam de aproveitamentos de hemistíquios apenas ou de um e outro têrmo ocorrente no códice e aproveitados no poema remodelado.

---

(30) J. Lúcio de Azevedo — **Épocas de Portugal Econômico.** 2.ª edição. Lisboa, Livraria Clássica Editôra, 1947, p. 268, nota n.º 2. Cf. edição das **Geórgicas Brasileiras** da Academia Brasileira de Letras (1941), p. XX, onde Regina Pirajá da Silva condivide o sugerimento de J. Lúcio de Azevedo (1.ª edição).

As concordâncias textuais e parciais dos versos do poema chegado a nós sob duas formas distintas, bem como os versos remodelados por Jerônimo Moniz e as interpolações de sua mão poderão perceber-se por justaposição. No momento estamos providenciando a coleta dos textos do poema das seis edições ocorridas, para cotejá-los com o manuscrito ora redescoberto, donde resultará o assentamento do aparato crítico e sua subseqüente publicação.

Estranha o fato de o grande historiador da Companhia de Jesus no Brasil, Pe. Serafim Leite, não aludir, no artigo sôbre as *Geórgicas Brasileiras* e nem mesmo na sua *História da Companhia de Jesus no Brasil* à existência do códice 3.786, mencionado à p. XX da edição brasileira das obras de José Rodrigues de Melo e Prudêncio do Amaral, que a Academia Brasileira de Letras divulgou, em 1941, em segunda edição brasileira, e sexta na ordem cronológica (31).

Mesmo em 1965, na *Suma Histórica da Companhia de Jesus no Brasil* (32), onde o ilustre historiador volta, no capítulo sôbre a "Herança cultural, científica e literária" dos Jesuítas no Brasil, ao tema da poesia, sobretudo latina e dos produtos naturais do Brasil, omite tôda e qualquer referência ao códice 3.786. Isto nos leva a crer que, apesar de informado acêrca da existência da segunda edição brasileira do *Canto do Açúcar*, e de possuí-la também, não tenha demorado sua atenção nas *Biografias* (pp. XII-XLIX — especialmente p. XX), organizadas por Regina Pirajá da Silva.

Êste lapso, muito humano aliás, propiciou-nos o ensejo de novas pesquisas concernentes à obra de Prudêncio do Amaral, qual a constatação da real existência do códice aludido por J. Lúcio de Azevedo, a posse de uma cópia microfilmada do mesmo, a fixação do texto redescoberto, seu cotejo exaustivo com a edição alterada de Jerônimo Moniz, relação das concordâncias totais e parciais da segunda edição (romana, de 1781), com o manuscrito original, interpolações, e a organização justalinear dos dois textos.

Causa espécie que nem mesmo Rubens Borba de Moraes, autor da *Bibliografia Brasileira do Período Colonial* (33), tão rico em descobertas, silencie flagrantemente, apesar de conhecer a edição das *Geórgicas Brasileiras*, a alusão que se faz nelas ao códice 3.786 como tirada da obra já aludida de J. Lúcio de Azevedo.

A publicação do códice 3.786 por nós desejada dá-nos a satisfação para nos considerar quase descobridores do precioso manuscrito, cuja forma original e primitiva jamais poderia ser estabelecida sem o feliz achado.

---

(31) O grande bibliófilo Rubens Borba de Moraes, autor da **Bibliografia Brasileira do Período Colonial** (cit. na nota n.º 26), omite, curiosamente, a referência ao códice 3.786.

(32) Cf. nota n.º 6 (pp. 231-236 da referida obra).

(33) Cf. nota n.º 26.

As palavras do Pe. Serafim Leite

> *"Far-se-á um dia — esperamo-lo dalgum culto professor de Letras Humanas — uma edição escolar das 'Geórgicas Brasileiras'. E aprenderão os estudantes do Brasil, com mais prazer, a formosa e sempre actual língua do Lácio, ao averiguar que da 'pena virgiliana', que as escreveu, surgem cenas vivas da própria terra em que nasceram"* (34),

acharão, com a publicação do códice 3.786, mais do que a plenitude, porque o poema descoberto e em breve a ser dado a lume, representa, para as Letras latinas no Brasil, o ponto de partida para o estudo de um texto autêntico que reflete genuinamente os dotes e o estro de um poeta que só nos era conhecido, até o momento, através de um texto transmitido ao longo de quase dois séculos sob uma "roupagem" que sabiamos não ser genuina. O *Canto do Açúcar,* na verdade, desde a sua primeira edição (1780), jamais passou como criação de Jerônimo Moniz, mas como poema de Prudêncio do Amaral, "melhorado" e "ampliado" pela mão do seu primeiro divulgador.

* * *

O estudo da sobrevivência do Latim caberia, justamente, às universidades. Mas, nesse sentido, ao que consta, nada se fêz nas Cadeiras de Língua e Literatura Latina nas nossas Faculdades de Letras. Entristece o fato de os nossos Licenciados em Letras Clássicas e os próprios Mestres desconhecerem, quase sempre, o rico repertório da poesia latina escrita por brasileiros e estrangeiros que aqui viveram, uns terminando seus dias em nossa Pátria, outros no exílio, em virtude da perseguição pombalina que os colheu nas "Missões", operantes na catequese ou no desempenho do magistério nos diversos Colégios da Companhia de Jesus.

Nem mesmo nos cursos de Pós-Graduação, que por sua natureza são de especialização e extensão universitária, intentou-se, até agora, salvo melhor juizo, abordar os resultados efetivos do legado do Renascimento que se perpetuou entre nós através da poesia latina escrita no Brasil.

Parece que, para a grande maioria detentora das Cátedras de Latim, a Literatura Latina tenha definhado com a Decadência, quando o Latim se ia transformando e produzindo as línguas românicas, continuando apenas a sobreviver como *língua erudita,* aprendida e falada nas escolas. Esqueceram-se de que o *cursus* cessou durante a Renascença, quando na Europa falava-se um latim que, em grande número de autores, é elegante e natural; que, em época alguma, nem no próprio período da Decadência romana, nem na Idade-

---

(34) Serafim Leite — «Geórgicas Brasileiras», em **Verbum** (cit.), p. 34.

Média, nem mesmo em tempos mais recentes, se deixaram de compor versos latinos; que nos séc. XVI-XVIII eram numerosos os poetas latinos no Brasil; que no Brasil se compôs o maior *centão* poético latino que a história literária apresenta (35); que no Brasil, ainda hoje em dia, escrevem-se verdadeiras jóias de poesia latina (36).

Urge pois descobrir a "nossa latinidade", estudá-la e divulgá-la, deixando de lado os rebatidos temas esteriotipados e que para a nossa cultura têm mais valor informativo que formativo. Referimo-nos àqueles que hoje ainda pesquisam em nossa terra, inùtilmente, os velhos temas do teatro latino, nada de nôvo descobrindo senão alinhando pensamentos esparsos, derramados numa vasta literatura já há muito existente.

Que os estudiosos brasileiros do Latim se animem, finalmente, a estudar as "nossas coisas", tirando do esquecimento e do anonimato os latinistas que escreveram no Brasil, ricos de conteúdo e de significado, malgrado a exígua influência de suas obras.

Caberá, pois, a nós professôres de Latim nas Faculdades de Letras, a patriótica tarefa de descobrir, exumar, estudar e propagar os perenes valôres dêstes Humanistas, que pelo caráter da universalidade do idioma em que escreveram, o Latim, são em nossa Terra e no Mundo os pródromos de uma civilização e cultura latina e cristã no Brasil.

---

(35) Cf. Enio Aloisio Fonda — «O centão poético na literatura latina», em **Revista de Letras**, F.F.C.L. de Assis, vol. V, 1964, pp. 125-148 (especialmente pp. 143-148).

(36) O autor do presente trabalho está organizando uma **Coletânea** de composições em versos latinos (séc. XIX-XX) escritas no Brasil.